



UnB

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Luis Guilherme Freitas Sales

A virgem, o Eu e o sol:

Imagens na poética de Sousândrade

Brasília

2021

Luis Guilherme Freitas Sales

A virgem, o Eu e o sol:

Imagens na poética de Sousândrade

Artigo apresentado como requisito parcial à obtenção de aprovação na disciplina Monografia em Literatura do departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fabrícia Wallace Rodrigues.

Brasília

2021

O que vale dizer, o problema primário do artista é o de, sendo sensível, no entanto, não se encerrar na sua sensibilidade, e o de, intuindo o "desconcerto do mundo", no entanto, não evitar o mundo.

Luiz Costa Lima

A VIRGEM, O EU E O SOL: IMAGENS NA POÉTICA DE SOUSÂNDRADE

Luis Guilherme Freitas Sales¹

Resumo: Este estudo tem o objetivo de analisar, no terceiro poema do livro *Harpas Selvagens* (1857), do poeta maranhense Sousândrade (1832-1902), como o autor constrói a individualidade de uma imagem poética ao mesmo tempo que a relaciona com a construção de outra. O estudo das obras de Sousândrade se relaciona muitas vezes com a revisão de cânone. Após a "revisão de um processo de ouvido" empreendida pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos (2002, p. 23), muitos pesquisadores têm retomado os estudos sobre o poeta, nos quais sua maior obra, *O Guesa* (SOUSÂNDRADE, 2012), poema épico escrito por ele em 1888, tem sido resgatada e melhor compreendida com o passar do tempo. Antes dele, porém, Sousândrade escreveu diversos poemas líricos, de ampla complexidade e ricos em subjetividade poética. Por isso, neste artigo, com base na análise poética e nos métodos da Literatura Comparada, pretende-se empreender um aprofundamento na poesia lírica sousandradina, especificamente no terceiro poema, denominado "ao sol". O foco do trabalho será o desenvolvimento e a compreensão da forma com que os elementos principais do poema são representados e relacionados entre si, a fim de construir um universo poético bastante complexo, com o uso de elementos da tradição romântica ao mesmo tempo em que o poeta imprime fortemente seu próprio estilo.

Palavras-chave: Sousândrade. Poesia. *Harpas Selvagens*. Representação.

Abstract: This study has the goal to analyze, in the third poem from the book *Harpas Selvagens* (1857), from the poet Sousândrade, born in Maranhão, how the author builds up the individuality of a poetic scene at the same time he connects it with another one. The study of Sousândrade's works is very often related with the review of the canon. After the "review of a process by ear" undertaken by the brothers Augusto and Haroldo de Campos (2002, p. 23), many researchers have been resuming their studies about the poet, in which his biggest work, *O Guesa* (SOUSÂNDRADE, 2012), epic poem written by him in 1888, has been rescued and better comprehended with time. Although, before this, Sousândrade wrote many lyrical poems, of high complexity and rich in poetic subjectivity. That is why, in this article, based on the poetic analysis and on the methods from Comparative Literature, it is intended to undertake a deepening into the sousandradinan lyrical poetry, specifically in the third poem, named "in the sun". The focus of this work is the development and comprehension of the way the main elements of the poem are representend and related to each other, to build a poetic universe complex enough, using the elements of the romantic tradition at the same time the poet strongly marks his own style.

Keywords: Sousândrade. Poetry. *Harpas Selvagens*. Representation.

¹ Graduando em Língua Portuguesa e sua Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília (UnB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	CONTEXTUALIZAÇÃO	6
2.1	O ESPAÇO DA CONSTRUÇÃO POÉTICA EM SOUSÂNDRADE	6
2.2	INSERÇÕES E DISCREPÂNCIAS NO ROMANTISMO BRASILEIRO	7
2.3	A CONSTRUÇÃO DA OBRA	8
3	IMAGENS	11
3.1	A VIRGEM	11
3.1.1	A voz da primeira estrofe	13
3.2	O SOL	14
3.3	O Eu	17
4	CONCLUSÃO	21
	REFERÊNCIAS	23
	ANEXO A – Poema "AO SOL"	25

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade trazer à tona características da poética sousandradina em seu primeiro livro, *Harpas Selvagens* (1857), haja vista ser uma obra ainda muito pouco estudada. Se trata de um estudo qualitativo com foco no terceiro poema desse livro, a fim de perceber, em uma análise detalhada, como o poeta trabalha seu texto e como constrói suas imagens principais.

Tal poema, intitulado como “Ao sol”, se trata da harpa III (como o autor denomina os poemas). Nele, buscarei analisar a relação entre o sol e o Eu, contrastada com a virgem, que é apresentada na primeira estrofe. Esses são elementos centrais no universo do poema, sobre os quais tentarei explicitar a relação entre eles, a fim de investigar como é são representadas suas imagens. A hipótese inicial do trabalho é a de que o autor consegue construir as três principais imagens analisadas (a Virgem, o Sol e o Eu) de maneira bastante detalhada, tanto com os elementos comuns à tradição romântica quanto com aqueles que não são comumente utilizados. A partir disso, as imagens nos são apresentadas em sua individualidade, mas não deixa de existir uma relação entre elas, muito importante na construção da individualidade do outro.

A análise ocorrerá com base na abordagem teórica da Literatura Comparada, que se articula bem com a proposta do artigo, visto que

o exame dos modos de absorção ou transformação (como um texto ou um sistema incorpora elementos alheios ou os rejeita), permite que se observem os processos de assimilação criativa dos elementos, favorecendo não só o conhecimento da peculiaridade de cada texto, mas também o entendimento dos processos de produção literária (CARVALHAL, 2006, p. 86-87).

Será feita minuciosamente em algumas partes do poema, relacionando as imagens entre si, além de com outros textos e algumas simbologias presentes na obra.

A motivação de toda a construção desse trabalho é a de que, apesar de pouco difundida e estudada, a poesia lírica de Sousândrade tem uma enorme força e competência em ser poema, tanto no engenho quanto na arte. Por isso, a partir da vontade e da necessidade de ampliar os trabalhos acerca do autor com "a voz mais poderosa da poesia romântica e uma das mais altas e vibrantes da Literatura Brasileira" (CAMPOS, 2002b, p. 537 apud MOISÉS, 1984), esse artigo propõe uma pequena percepção sobre a capacidade poética capaz de dividir opiniões extremas a seu respeito.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 O ESPAÇO DA CONSTRUÇÃO POÉTICA EM SOUSÂNDRADE

Antes de iniciar a investigação do texto em si, cabe aqui trazer algumas informações básicas acerca do contexto do espaço histórico, literário e geográfico em que o autor se encontrava. Isso se justifica, principalmente, porque a obra de Sousândrade é, sem dúvidas, autobiográfica. Em sua épica mais famosa, *O Guesa* (SOUSÂNDRADE, 2012), essa relação é bastante perceptível, visto que os lugares das viagens empreendidas pelo autor são retratados poeticamente em seus cantos.

Joaquim de Sousa Andrade – "que adotava o nome literário de Sousândrade, para, com isso, obter uma sonoridade grega e o mesmo número de letras do nome de Shakespeare" (CAMPOS, 2002b, p. 535) – nasceu em julho de 1832, em Guimarães, no Maranhão. Embarcou em diversas viagens, passando brevemente pela Europa e pela África, transitando pela Amazônia, residindo nos Estados Unidos entre 1871 e 1875 e empreendendo sua peregrinação, em 1885, de "volta ao Brasil pelo Oceano Pacífico [...], visitando a Colômbia, o Equador, o Peru, o Chile, o Uruguai e a Argentina até a Patagônia" (CAMPOS, 2002b, p. 547). Faleceu em 1902, em um quarto de hospital, após uma difícil situação financeira em que exercia a profissão de professor de grego, em São Luís.

O poema a ser estudado, não diferente no que concerne ao caráter autobiográfico, foi denominado *Harpas Selvagens*, publicado no Rio de Janeiro, em 1857, quando o poeta tinha seus 25 anos de idade. Já na publicação desse livro, "[...] entre 1854-1856, havia estudado em Paris" (CAMPOS, 2002a, p. 547), passando pela África e pelo Rio de Janeiro, onde o publicou antes de começar uma viagem à Amazônia no ano seguinte.

Percebe-se, já em uma descrição breve das circunstâncias em que se deu sua primeira publicação, que o poeta estava inserido em, desde cedo, uma experimentação poética relacionada aos elementos do mundo que o cercava, diferentemente de grande parte dos poetas românticos brasileiros, que limitavam suas viagens à Europa. Pelos fatores apresentados, então, é falha uma análise que desconsidere a vida do poeta, sua época e seu lugar de origem.

2.2 INSERÇÕES E DISCREPÂNCIAS NO ROMANTISMO BRASILEIRO

Inserido na "segunda geração" de escritores do período romântico, Sousândrade, principalmente em sua primeira obra, esteve bastante ligado à tradição poética do período, apesar de ser conhecido como um autor que rompe com a tradição e vai numa direção diferente do cânone. Essa relação íntima se dá principalmente nos temas abordados, sendo o *Harpas Selvagens* uma obra, em grande parte, dedicada ao amor, à natureza e à individualidade do ser humano.

Luiz Costa Lima, em seu artigo denominado "O campo visual de uma experiência antecipadora: Sousândrade" (2002), cita Mário de Andrade (1974), ressaltando que, ao falar sobre o amor, o poeta romântico traz junto o medo. Isso culmina na comum representação da mulher pura e virginal nunca alcançada – uma figura muitas vezes etérea e distante –, e acaba por trazer uma representação subjetivo-individual derivada, na grande maioria das vezes, de uma experiência vivida por eles. Isso limita o alcance poético à representação de sentimentos, com uma visão bastante limitada ao sujeito-escritor, fazendo uma das grandes características românticas a representação do Eu-pessoa que pode ou não gerar um sentimento de identificação com o leitor.

Sousândrade, por outro lado, ao referir-se ao amor, o faz com uma maior aproximação:

Sua cabeça me encostou no peito
 Namorado, sua nuvem de cabelos
 D'ambrosiadas noites na montanha
 Despejou nestes hombros longos crespos!
 (SOUZA-ANDRADE, 1857, p. 36)

Por mais que ainda represente a pureza feminina, muitas vezes não a caracteriza divinamente: "E hoje, enraivecido, hoje eu te deixo:/Odeio o mundo, és delle" (SOUZA-ANDRADE, 1857, p. 37).

É por essa e outras divergências da tradição que Danglei de Castro Pereira denomina Sousândrade como um romântico crítico ou "titânico" em comparação à vertente do romantismo alemão de mesmo nome, bastante representado por Hölderlin (PEREIRA, 2004). Essa vertente, apesar de estar entregue à sensibilidade emotiva comum ao romantismo, o fazia de maneira racional, trabalhando os temas comuns de forma consciente. Para Pereira, tal titanismo pode ser encontrado, principalmente,

"pela lucidez com que o poeta apresenta o espaço interno corrompido pelo traço externo" (PEREIRA, 2004, p. 409), corrupção ilustrada em Sousândrade, principalmente, pela figura do colonizador que invade a natureza e a sociedade brasileira. É importante destacar que isso ocorre, também, na forma literária, com a tentativa do poeta de desconfigurar uma importação de padrões da Europa, fazendo uso de uma estética romântica reconfigurada ao seu estilo. Já no *Harpas Selvagens* (1857) é possível ver traços dessa desconfiguração, seja no poema escrito na visão de uma escravizada, cujo destino não é outro senão morte (SOUZA-ANDRADE, 1857, p. 151-156) ou na consciência da degeneração política ("O bruto pesadelo da política/Não nos dá sonhos [...]") (SOUZA-ANDRADE, 1857, p. 303).

Por último, é importante ressaltar que Sousândrade foi um poeta mal compreendido em seu tempo histórico, nunca posto no cânone, e, posteriormente, quando atribuído a ele algum valor, caracterizado desde uma escrita barroquista (CAMPOS, 2002a) até um estilo caracterizado "por um marcante Simbolismo" (LOBO, 2012, p. 80²). Por isso, é importante considerar que ele foi um poeta extremamente heterogêneo, trazendo inúmeras referências a personagens fictícios, reais e míticos, além de uma linguagem cheia de "palavras raras e arcaizantes, neologismos, hibridismos; hipérbatos, elipses violentas, elusões e alusões" (CAMPOS, 2002a). Luíza Lobo diz, por exemplo, que

As palavras compostas em geral constituem neologismos que concentram metáforas sintéticas poéticas, caracterizando o tom original, simbolista, metafísico e inconfundível do seu estilo (LOBO, 2012, p. 144).

2.3 A CONSTRUÇÃO DA OBRA

Por último, cabe caracterizar as circunstâncias em que foi publicada a primeira obra de Sousândrade, *Harpas Selvagens* (1857), além de suas características gerais para, enfim, analisar mais detalhadamente o poema escolhido como principal *corpus*

² A pandemia do novo coronavírus impossibilitou uma pesquisa mais a fundo em bibliotecas, motivo pelo qual o arquivo usado para as citações dessa autora foi retirado de um documento no formato *mobi*, sem local de acesso na internet. As páginas citadas, portanto, são referentes à página do arquivo, não da publicação original.

do trabalho. Trata-se de uma antologia composta por poemas denominados "harpas", numerados entre I e XXVI na parte chamada "estâncias" e entre XXVII e XLVI na parte "noites". São relacionados, principalmente, à temática do amor, nos moldes do "estilo lírico-subjetivista da primeira fase romântica" (LOBO, 2012, p. 124-125).

Sousândrade publica o *Harpas Selvagens* no Rio de Janeiro, após empreender uma viagem de estudos à Europa entre 1854 e 1856, visitando Senegâmbia, na África, na volta ao Brasil. Curiosamente, antes de ir para a Europa por conta própria, em seu poema *O Guesa* (SOUSÂNDRADE, 2012),

No Canto VI (1852-57), a personagem relata seu fracasso o intento de obter, em 1852, junto ao imperador Dom Pedro II, na Corte do Rio de Janeiro, recursos para sua viagem de estudos à Europa, que realiza em 1854-56, enquanto outros românticos, como Domingos Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias obtêm a graça imperial de viagens e de publicação de seus livros de poesia (talvez por serem mais velhos e reconhecidos, enquanto ele tinha então apenas 20 anos) (LOBO, 2012, p. 67).

Talvez aí tenha se iniciado a distinção que fez do poeta tão distante dos outros, conferindo sua originalidade. No ano seguinte, empreende uma viagem à Amazônia antes de residir nos Estados Unidos. Como já visto anteriormente, a obra de Sousândrade é extremamente autobiográfica e muito se relaciona com suas viagens, além de que era novo e com pouca experiência quando publicou o *Harpas Selvagens* (1857), o que pode ter sido um dos motivos que levaram a obra, mesmo depois de um enorme trabalho de revisão e uma retomada de estudos referentes ao poeta, a ser menos prestigiada nos estudos empreendidos sobre ele.

O poema analisado é escrito em duas vozes. A primeira é a de um narrador-observador, que traz à primeira estrofe a imagem de uma virgem em algum ponto do "mar no isolamento" (v. 3) e descreve sua fuga com o nascer do sol até chegar "N'alva da noite da esperança longa" (v. 28). A segunda voz, que permanece da segunda estrofe até o fim do poema, é a do narrador-personagem, denominado o Eu do poema, visto que sua imagem se confunde com a de uma representação ontológica do ser.

A partir da segunda estrofe, o Eu se coloca numa posição de mártir de sua própria incapacidade de crer no deus, representado pelo sol. Suplica, então, uma inspiração e um ensinamento que possa trazê-lo a paz. Na terceira estrofe, descreve a grandeza do deus, caracterizando-o com uma imensa bondade. Na quarta, muda um pouco a perspectiva e relembra seu passado, sua decepção com as pessoas que encontrou, sendo incapaz de citar um só que tenha sido seu amigo. Na penúltima

estrofe retoma o louvor ao sol e na última convoca a natureza a adorá-lo em conjunto, sem duvidar dele.

Para uma análise mais aprofundada, dividi o poema em três imagens principais: a virgem, o sol e o Eu. Em cada uma delas, busquei comprovar pelo texto aquilo que uma leitura simples pode trazer, com o objetivo de compreender um pouco melhor como Sousândrade representa imagens tão simples criando uma complexidade que se resume apenas ao indivíduo como centro daquilo que o cerca, por sua capacidade de inserir-se naquilo que não é ele.

3 IMAGENS

3.1 A VIRGEM

Neste capítulo, será analisada a primeira estrofe do poema em busca de encontrar uma afirmação, dele mesmo, de que a virgem é uma representação da lua. A confirmação dessa hipótese permitirá um avanço na análise da construção do Eu e do sol.

No começo da harpa, nos é apresentada a virgem, que, após uma breve descrição como sendo “Timida e bella e taciturna virgem” (v. 1), enquanto está “Banhando a terra de uma lua argentea” (v. 4), começa uma empreitada de fuga causada pela manhã: “Á matinada sobressalta e foge” (v. 5). O poema diz que, para isso, ela levanta seu manto (v. 6). Fica então, ao leitor, a dúvida: que manto é esse? Na atmosfera criada, em que a virgem banha a terra com uma luz brilhante, pode-se relacioná-lo com o espectro criado por ela, visto que é um elemento confirmado pelo verso 4. O manto, portanto, seria a luz noturna que a lua traz. Com essas observações, já na análise desse primeiro trecho há uma forte indicação de que a virgem é a representação da lua.

A partir disso, ao continuar na hipótese de que há uma relação estrita entre a lua e a virgem, nos versos seguintes podemos levantar outras ideias, como a) o uso do verbo “chama” (v. 6), visto que uma pessoa naturalmente “puxaria” ou “levantaria” o manto. “Chama” traz a ideia de um movimento abstrato que não é executado pelo corpo humano e que aproxima mais o verso da representação metafórica da lua retirando seu brilho do que de uma mulher puxando suas roupas. Da mesma forma, b) “retira” os pés da terra e voa (v. 6-7), o que não é possível a um ser humano, e c) “toma [...] os vestidos [...] E as grinaldas” (v. 9-10), ao invés de pegá-los. Vale salientar que a lua também não é compreendida como astro celeste dada a abstração do poema que toma elementos da gramática lógica e os transforma em “gramática” analógica (PIGNATARI, 2005) própria verossímil ao interior do seu universo. Em contraposição ao traço que distancia a personagem da forma humana, cabe analisar novamente a imagem de que ela retira os pés da terra. Teria, então, a imagem criada da lua, pés? Nos versos seguintes, há esse jogo entre o concreto e o abstrato dentro

do que o corpo humano é capaz de fazer e as capacidades que o poeta dá à lua. [“seios” (v. 6), “pés” (v. 6), “vestidos” (v. 9) e “grinaldas” (v. 10) são elementos comuns ao corpo humano e objetos relacionados a ele, enquanto “vôa” (v. 7), “a sombra arranca” (v. 8) e “d’estrellas” (v. 10) são elementos comuns à lua e o que está relacionado a ela].

O brilho do luar acompanha o voo da virgem-lua que descobre os bosques. Deve-se notar que não é uma simples passagem, mas que ela tem efeito sobre o que está embaixo, haja vista que os bosques “estremecem” (v. 8) e que a sombra do monte é arrancada, portanto não é simplesmente retirada, há um movimento que tem consequências na terra, reiterando o caráter tenso da fuga. Na sequência, a personagem toma os vestidos que estão mais longe do “corpo” (visto que vão soltos) e “as grinaldas d’estrellas” (v. 10). Nesse verso, percebemos que não há espaço para que fiquem nem mesmo pertences da virgem, nada que afirme que um dia existiu sua presença ali. Isso, talvez, esclareça a falta de menção a ela, pelo Eu do poema, nas estrofes seguintes.

Por mais que haja influência da virgem sobre as coisas que estão embaixo, os seres vivos não a conhecem. Eles veem as alterações causadas na natureza (“deslisa o orvalho/Na flor, derrama o vento, o vento leva/Ondulações d’incenso;” (v. 23-25), mas se perguntam “quem faz este rumor?” (v. 23).

Tomando a análise de que o movimento apresentado pelo poeta é o de pôr-se a lua à oeste e nascer o Sol à leste, justifica-se o fato de a lua ser “noiva” (v. 27) e estar agora “embalada nos berços conjugaes” (v. 28). Ela se põe no mesmo “berço” que o sol e é virgem porque sempre foge dele, nunca se encontram.

O simbolismo da lua, quase sempre e, principalmente, no ocidente, está diretamente relacionado ao do sol, retratada como esposa, irmã ou inimiga. Além disso, tem uma imagem feminina, ligada à fertilidade e à mudança de forma, além de alicerçada na dependência da luz solar, por não emití-la por si só.

Além disso,

Entre os incas, segundo Means (MEAA), a Lua tinha quatro acepções simbólicas. Em primeiro lugar, divindade feminina, sem ligação com o Sol; depois, como o deus das mulheres, sendo o Sol o deus dos homens; após, como esposa do Sol, concebendo dele as estrelas; (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 563)

Portanto, a alegoria da virgem-lua, além de prenunciar a chegada da manhã, age diretamente sobre aquilo que é tratado, posteriormente, como regido unicamente pelo sol.

Ainda sobre a virgem, na segunda estrofe do poema, toma voz o Eu e, assim como os pássaros não se dão conta de que é a lua que causa mudanças na natureza pela noite, ele também não.

Todos esses versos dão mais força ao argumento de que a virgem é a representação da lua. Esse simbolismo é bastante representativo na análise do poema, que, como veremos adiante, tem, como metáforiza Massaud Moisés (2007), três galáxias: a virgem, o sol e o Eu.

3.1.1 A voz da primeira estrofe

Todo o poema tem uma voz bastante marcada a partir da segunda estrofe, a do narrador-personagem. Porém, é interessante investigar qual é aquela que narra toda a trajetória da virgem na primeira estrofe, a fim de poder compreender como é construída a imagem de cada uma das “galáxias” do poema. Para isso, existem duas possibilidades: a voz é a de um narrador que não participa dos eventos ou é a do próprio Eu, a mesma que o narra e o vive.

Para isso, serão analisados alguns versos da primeira estrofe em comparação com outros, da terceira. Os versos 46 e 47 entram em conflito com os versos 9 e 10, em que vimos que a lua “toma á pressa [...] as grinaldas d’estrellas”. Aqui o eu-lírico diz ser o sol o responsável por apagar “os círios/Do seu altar da noite”. Isso abre dúvidas de que o Eu possa ser o mesmo que narra a primeira estrofe, visto que são visões diferentes de quem “apaga” as estrelas ao amanhecer. Para comprovar isso, há contrapontos no mesmo sentido em que reaparecem palavras usadas no primeiro parágrafo, estabelecendo uma contradição sobre quem é o agente responsável pelo regimento destes elementos:

Aos **pastores, ao gado apascentando**,
 “Quem fez este rumor?” deslisa o orvalho
 Na **flor**, derrama o vento, o vento leva
 ondulações d’incenso; a **natureza**
 Nas barras da manhã respira amores:
 (SOUZA-ANDRADE, 1857, p. 12, grifos meus)

Rege de lá seu mundo: apaga os círios
 Do seu altar da noite; arrasta a nuvem
 E embalança nos ares, sombreando
O vale do pastor e das boninas
 Encarna de mil cores o **arvoredo**;
 Pousa um raio na pétala das **flores**
 Como virgens abrindo alegremente;
 (SOUZA-ANDRADE, 1857, p. 13, grifos meus)

Nos versos 46, 47 e 49, existe uma interessante referência à lua, ainda sim sem responsabilizá-la pelo o que acontece na terra. Nos versos 46 e 47, fala-se sobre o “altar da noite” em que ficam os círios (metáfora para as estrelas queimando no céu). No verso 49, o poeta especifica as boninas sombreadas pela nuvem que o Sol arrasta, flor curiosamente conhecida no Maranhão e no Pará como “boas-noites” (SEQUEIRA, 2019), pois suas pétalas se fecham enquanto há sol e se abrem de noite. Segundo o dicionário Aulete (2021), a bonina “representa a mulher amada e o amor de quem a envia”. Cria-se um simbolismo que situa a lua à sombra do sol, notada como apenas mais um elemento presente que sofre a influência do sol na terra, incapaz de produzi-la.

Pelo fato de o Eu afirmar, na terceira estrofe, que o sol é responsável pela ação na terra, de a primeira nos mostrar que a lua é quem age sobre os pastores, a flor etc., e de existir uma relação de superioridade do sol sobre a lua, é demonstrado que o Eu do poema manifesta uma voz diferente da apresentada no primeiro parágrafo.

3.2 O SOL

O Sol é uma imagem bastante recorrente na poética sousandradina. O poeta faz referência a ele na epígrafe de seu poema mais famoso, *O Guesa*, visto que o personagem principal tem sua vida, desde o nascimento até os 15 anos de idade, para ser sacrificado e ter seu sangue ofertado ao Sol. Não obstante, aparece em 39 dos 46 poemas que compõem o *Harpas Selvagens* (1857) e não deixa de aparecer no *Novo Éden* (1893), última obra publicada pelo autor.

Não foi Sousândrade quem criou a relação entre sol e divindade, como já comentado sobre o epílogo d*O Guesa* (SOUSÂNDRADE, 2012). Essa ideia remonta,

portanto, de um simbolismo ancestral, retomando, o poeta, uma representação fortemente presente nas antigas culturas latino-americanas, muitas delas com um deus-sol; Huitzilopochli para os astecas, Itzamná para os maias, Apu Inti para incas, Guaraci para a mitologia tupi-guarani. Além disso, está presente até hoje nas bandeiras da Argentina e do Uruguai.

A primeira aparição direta do sol acontece já no primeiro verso da segunda estrofe, no qual é apresentado como o deus do Eu do poema, capaz de exercer grande influência nele. Assim como no topo da primeira estrofe estava a virgem, que depois foi percebido se tratar da lua, aqui se evidencia o Sol, no topo da estrofe, como referência à sua altura nos céus. E não caracterizado antes por adjetivos que constroem sua personalidade, como acontece no primeiro verso do poema com a virgem (Timida e bella e taciturna virgem), mas por seu próprio nome, enfatizado mais ainda por um ponto de exclamação: “Sol!” (v. 30), o que nos permite inferir que sua força está em seu nome. No mesmo verso, o eu-lírico diz que esse sol é a “idéa de meu Deos”, o que demonstra que o Sol é de fato Deus na visão do eu-lírico, já que a palavra “idéa” significa literalmente “representação, conceito”. Portanto, o que o Eu vê, todas as vezes que fala com o sol e sobre ele, é o deus que tem um imenso poder e é realmente capaz de realizar tudo o que o Eu diz.

Ainda no verso 30, percebemos que o sol é, para o Eu, capaz de, assim como um deus, atuar fortemente na vida dele, o que é exemplificado pelas súplicas que faz durante todo o poema e começa aqui: “[...] me aqueça/Gelada a fronte pallida, sulcada/Do sceptismo horrendo [...]”. Essa atuação é, em primeiro lugar, sobre a subjetividade do Eu, o que pode ser observado também no uso de outros verbos, como “m’inspira” (v. 32).

Em seguida, ainda nessa estrofe, o Eu do poema suplica que o sol ensine a ele um “cântico de paz” (v. 33), assim como

[...] o temporal da sorte ao peito ensina,
 Como ao rochedo a vaga, ao monte o raio,
 Como a torrente ás sombras da espessura,
 Duro golpe ao carvalho (v. 35-38).

O poeta começa a criar, então, dois extremos em que estão colocados o sol e o Eu: este como alguém que está lançado à sorte e deve ser penalizado por ser quem é, quase sempre associado a adjetivos negativos, e aquele como um ser etéreo, capaz de agir sobre a vida subjetiva e concreta do que está debaixo de si, especialmente

quando relacionado com o Eu, com uma força enorme, comparado ao temporal, ao raio, à torrente, etc.

Na terceira estrofe do poema, o poeta aprofunda-se na construção particular do sol, trazendo elementos intrínsecos a ele (sempre na voz do Eu) e descrevendo qual é a sua relevância e as suas influências na terra. Para isso, já no começo, é apresentado como uno – “amostra o rosto, só, centoclo e bello” (v. 45) – e dono de todo o mundo – “Rege de lá seu mundo: apaga os círios” (v. 46).

Nos versos seguintes, são elencadas ações que o sol faz sobre a terra que revelam características interessantes em relação ao seu modo de agir. São, agora, caracterizadas por uma docilidade diferente das comparações feitas entre os versos 36-38, que traziam uma ideia de poder violento. Aqui nos é apresentado um poder usado para arrastar nuvens que trazem sombra aos pastores e às flores (v. 47-49) e para espalhar seu “almo chuveiro” (v. 53) sobre aquilo que está contido em seu mundo. Para exemplificar essa diferença, sugiro a contraposição entre os versos 38, “Duro golpe ao carvalho [...]” e 51, “Pousa um raio na pétala das flores”. Apenas o contraste imagético da força dos verbos “golpe” e “Pousa” é o suficiente para compreendermos que (para o Eu) o sol é uma entidade capaz de exercer uma ação violenta sobre o carvalho, assim como é capaz de controlar essa força para pousar delicadamente nas pétala das flores.

É interessante observar, dentro desses versos, como o poeta sintetiza o que é, para o Eu, o Sol: “unidade invisível” (v. 55). Note-se que é representado como único (unidade) e, num jogo de ideias bastante paradoxais, invisível, já que o eu-lírico ressalta o tempo todo a presença do sol, que o contempla e, até mesmo, o vê.

"O sol é a fonte da luz, do calor, da vida. Seus raios representam as influências celestes – ou espirituais – recebidas pela Terra" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 836). "O sol é considerado fecundador. Mas também pode queimar e matar" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 563). Pelos trechos transcritos e pela análise do poema, fica claro que a imagem do sol é dupla, fecundadora ao mesmo tempo que mortal. O narrador-personagem tem consciência disso e justifica aí suas súplicas, aceitando a força solar agindo sobre seu corpo.

Já na quarta estrofe, depois de uma retomada de acontecimentos na vida do Eu do poema, ele apresenta o sol como “[...] deos immovel, subalterno, seiva,/Despertador da terra [...]/Material hyperbole dos céos!” (v. 108-110). Em contraposição com as apresentações anteriores, agora ele está sobre o sol,

superior a ele, que nada pode fazer. Existem, aqui, muitas imagens do sol, que podem ser descritas a cada adjetivo que o poeta traz. Apenas como um “despertador”, é aquele que transforma os sonhos do Eu em algo inalcançável. É, também, “Material hyperbole”, ou seja, a própria figura do exagero.

Na leitura desse trecho, é possível, de forma mais concreta e direta, perceber que tudo aquilo que o sol é só existe por causa do que o Eu pensa em determinado ponto do poema. Assim, pode ser extremamente contraditório, enquanto violento/doce ou regente do mundo/deus imóvel. Esse jogo de palavras também acontece em outros momentos, como nos versos 55, “Á unidade visível [...]”, e 136, “[...] deos visível!”

Nas demais referências ao sol, o Eu o coloca novamente na imagem de ser onipotente, que traz fertilidade à terra e dela é criador bondoso, enquanto, ao se dirigir ao corpo dele, é punitivo, como pode-se perceber nos versos 121 e 122: “O sol fendeu-me o dorso, como açoite/da Providencia, e amei p’ra sempre o sol” e 137: “[...] queima o meu corpo”.

O que se conclui da análise de como é abordada a imagem do sol no poema é que ele é a representação direta do deus que rege o mundo e age, com particular violência, sobre o corpo do Eu. Ele é único, responsável por tudo o que ocorre sobre a terra, movimenta as nuvens, mas também é imóvel e subalterno ao narrador-personagem.

É o Eu quem cria toda a ideia do sol, assim como todas as suas ações, motivo pelo qual ela se subordina à vontade dele. Apesar de todo o poder exercido pelo sol, ele nunca age, diretamente, sobre o Eu, visto que, como ele diz sobre o astro divino, “Embora a minha voz nos teus fulgores/Tu percas desdenhoso, e não respondas” (v. 76-77). Isso é mais um indicativo de que, apesar de ser realmente deus na visão do Eu, o sol não é nada além disso.

3.3 O EU

Assim como boa parte da imagem que o poeta cria a respeito do sol, a imagem do Eu é construída por meio da relação entre este e aquele. Dentro do poema, há vários momentos em que essas imagens são elaboradas com a intervenção de uma na outra, principalmente pelas ações que o Eu suplica que o Sol faça.

Essa relação se inicia, já, no início da segunda estrofe, em que ele suplica que o sol o aqueça e que o inspire “Um cântico de paz” (v. 33). A partir daqui, já é possível perceber que o Eu é afetado por um “[...] sceptismo horrendo [...]” (v. 32). A culpa por não crer é retomada em outros momentos, como nos versos 56 e 115, porém, por mais que ele seja cético, não desiste de rogar ao deus uma espécie de redenção. Ele deseja o perdão de seu deus sobre sua descrença.

É importante perceber, também, o peso que crer tem para o Eu, ao se colocar como um dos extremos na inspiração ao cântico de paz que suplica, entre os versos 35 e 38. Aqui, além de o sol ser comparado com figuras poderosas e punitivas, o Eu é comparado com figuras inalteráveis, como o rochedo, o monte, as sombras e o carvalho. Isso nos traz a ideia de que o próprio Eu sabe que é imodificável e que, apesar de todas as ações que o sol é capaz de fazer, é impossível que ele creia no deus. Essa impossibilidade de mudança traz consigo um sofrimento bastante forte, evidenciado no emprego de verbos que denotam a grande violência a que ele é submetido, como é o exemplo dos versos 39-43:

[...] abrio-me a bocca
 Esta sede eternal, que eu mesmo ignoro,
 De um desejar.... que secca-me a existência,
 Que minha alma lacera, como ao peso
 D'um africo samoun sem fim rolando!”

Entre os versos 54 e 57, o Eu volta a se colocar numa posição de inferioridade e fazer súplicas. Em seguida, como se não fosse suficiente seu esforço, após tantas tentativas de ser respondido pelo sol, pede ajuda dos rios, das montanhas, das aves e dos favônios para ajudarem no louvor.

É nessa estrofe que acontece com mais frequência o uso de pronomes possessivos, que são distribuídos por todo o poema e revelam uma análise interessante. Por mais que o Eu se coloque em uma posição de inferioridade na maior parte do tempo e suplique que o sol aja sobre ele, é o Eu quem tem o poder de agir sobre si, o que é explicitado por ter em sua posse tudo aquilo que o torna capaz de reger seu mundo. Em todo o poema, das 23 vezes que o poeta usou pronomes possessivos de primeira pessoa do singular ou plural, a maioria das vezes foi relacionado à “alma” ou aos “olhos”. Essas duas palavras, paradoxalmente referentes à campos semânticos opostos, da emoção e da razão, são frequentemente destacados como pertencentes ao Eu, o que pode confirmar a hipótese de que ele é

responsável pela criação do seu próprio mundo e que o sol é apenas um astro que ele escolheu como deus, para se livrar da responsabilidade sobre si mesmo.

Tanto é que, em alguns momentos, ele afirma e há exemplos de que o sol não realiza ações sobre ele, como entre os versos 73 e 77, no desfecho da terceira estrofe, em que, após elencar uma série de grandezas relacionadas ao astro-deus, ele diz:

[...] minha vista
 Amo cobrir de lagrymas te olhando,
 Fallar comtigo, consultar-te o que és:
 Embora a minha voz nos teus folgores
 Tu percas desdenhoso, e não respondas.

A quarta estrofe do poema se apresenta como um tipo de retrospectiva pela vida do Eu.

Aqui, ele se dirige ao sol, como se contasse sua biografia para ele. Pode-se perceber que o Eu narra uma época em que, “[...] sem pai nem mãe” (v. 79), teve relacionamentos frustrados com pessoas, as quais “Nem um só!... nem um só achei que o nome/Santo de amigo merecesse ao menos!” (v. 93-94). Não tinha consciência da divindade do sol, portanto, antes das frustradas tentativas de se relacionar com outros, já que o contemplava “Solitário no mar! [...]” (v. 79), e é nesse momento que acontecem ações que o Eu realiza e recebe sobre os raios solares: “Teus raios ensopei com minhas lagrymas/Que os teus raios seccárão: então contigo/Sómente e o mar, meu pensamento errava (v. 80-82)”. A partir disso, o Eu percebe a presença do sol por ter exercido uma influência nele e ter percebido uma resposta em troca. Nota-se, portanto, que tal resposta poderia se caracterizar como uma ação do sol exercida sobre o Eu, o que justificaria as tentativas de que algo assim, provavelmente mais forte, voltasse a acontecer. Vale ressaltar que, nesse momento, ele não estava apenas na companhia do sol, mas do mar também, o que demonstra o poder de escolha do Eu para decidir qual elemento, que estava por perto em um momento de sofrimento, seria seu deus.

Após isso, na descrição de sua trajetória de decepção a respeito das pessoas que encontrou, o Eu busca refúgio no sonho, mas o calor do sol o desperta. Nesse momento, ele contradiz todos os elementos divinos, violentos ou doces, apresentados anteriormente. O sol agora, é “[...] deos immovel, subalterno, seiva,/Despertador da terra, [...] /Material hyperbole dos céos!” (v. 108-110). Isso mostra que a regência do astro-deus é feita por ele e, se diz ser o sol responsável pela regência do mundo, conseqüentemente, é o Eu quem o rege. Pode-se analisar, portanto, que o poema é

o mundo do próprio Eu, construído por ele e para ele, se passando, assim, no seu interior.

A última estrofe é iniciada pelo Eu com a palavra “Silêncio.” (v. 139). Tal palavra reflete uma afirmação para si mesmo, que estava em conflito consigo, afirmando e negando seu deus. Esse pedido de silêncio parece vir para acalmar seus pensamentos, explícitos no poema com a descrição de um desejo apresentado na estrofe anterior, misturados com o arrependimento de ter ofendido o sol.

Cabe destacar os últimos versos do poema, em que o Eu propõe à natureza e a si mesmo a impossibilidade de se saber quem somos ou para onde vamos, sugerindo que a única possibilidade é louvar o deus sol:

Rios, montanhas, incolas do bosque,
Cegos nascemos, meus irmãos da morte,
Sem saber quem nós somos, onde vamos....
Para cantar?... Cantemos harmonias
Ao sol que se levanta do arvoredado,
Lá das terras de além, fruto d'estio:
Enchamos nossos olhos de seus raios,
Nosso peito de fé — Deos é mais longe!
(SOUZA-ANDRADE, 1857, p. 16)

4 CONCLUSÃO

Sousândrade, como foi observado, não pode ser analisado sem seu contexto histórico, social e literário. A primeira publicação do autor ocorreu em meio a uma de suas primeiras peregrinações e ele trouxe elementos de fora para caracterizar uma nacionalidade que estava sendo buscada dentro do período romântico.

Por se tratar de uma pesquisa sobre a primeira obra publicada do poeta maranhense, tornou-se mais perceptível a relação entre um Sousândrade ligado às tradições românticas ao mesmo tempo que trazia marcas de seu estilo próprio, o que foi desenvolvido no decorrer de sua carreira, chegando à sua *magnum opus*, *O Guesa*.

Após as análises e estudos empreendidos, pode-se confirmar a hipótese inicial de que as imagens são construídas individualmente ao mesmo tempo em que constroem um espaço coletivo.

A imagem da virgem é construída somente na primeira estrofe, a partir de uma voz que não é a mesma que aparece na maior parte do poema, nas estrofes seguintes. É apresentada, já no primeiro verso, como "tímida e bella e taciturna virgem", mais definida por suas características do que por si própria, o que cria um contraste em relação à apresentação do Sol, marcado por seu nome antes de qualquer coisa: "Sol! Idea de meu Deos" (v. 30).

Além disso, o emprego de um narrador específico para a primeira estrofe cria uma relação com a narração do Eu nas seguintes, já que ele desconhece as ações que a Lua exerceu sobre a terra, acreditando terem sido feitas pelo sol. Esse fato também está inserido na construção da imagem do Eu, fazendo-nos perceber que ele é responsável por aquilo que caracteriza o sol.

A imagem solar se repete muitas vezes nas poesias de Sousândrade, e é representado de várias formas diferentes. Aqui, o poeta o colocou como um deus de um homem só, dentro de um universo em que não há elementos que possam fazer com que o Eu descreva esse deus solar de maneira diferente. Ele é caracterizado, a princípio, por seu nome, que é o que constrói a base de sua imagem, aquilo que foi criado a partir da palavra, constituinte de uma ação humana.

Ainda na posição etérea, o sol é responsável por ações que refletem diretamente no espaço terreno, em que se encontra o Eu. Como um deus, modifica a paisagem da forma que deseja, mas sem nunca alterar algo referente ao Eu, por mais

que ele o suplique. Um pouco mais adiante, percebe-se que o mesmo sol que pode ser descrito com enorme influência e dotado de onipotência é também "imovel, subalterno, seiva" (v. 108), o que acontece pelo simples falar do Eu. Isso nos permite entender que a imagem solar é construída por ele, modificando apenas o que é especificado.

Essa dominância do Eu sobre o sol nos ajuda a compreender melhor sua imagem, visto que, por mais que ele pudesse controlar as ações do deus-sol, em nenhum momento teve suas súplicas atendidas. Em outros momentos, se compara a figuras inalteráveis, fortalecendo a ideia de que ele não poderia ser afetado pelo sol, por mais que pedisse, pelo fato de que ele mesmo se vê como incapaz de ser alterado. Essa relação cria um conflito do Eu consigo mesmo, o que possibilita a hipótese de que todo o poema, a construção das ações que as outras duas imagens podem fazer, assim como a empreitada de fuga da virgem, acontecem em seu interior.

Se trata, portanto, de um poema que retrata o interior do Eu, com toda sua complexidade e a capacidade de reger seu próprio mundo, ainda assim em constante conflito consigo mesmo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Amor e medo. *In*: ANDRADE, Mário de. **Aspectos da Literatura Brasileira**. 5. ed. São Paulo: Martins, 1974. p. 199-229.

BONINA. Dicionário online Aulete Digital. Disponível em <https://www.aulete.com.br/BONINA>. Acesso em 4 maio 2021.

CAMPOS, Augusto de *et al.* **Re Visão de Sousaândrade**. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Perspectiva, 2002a. 654 p. ISBN 85-273-0300-0.

CAMPOS, Haroldo de. A Peregrinação Transamericana do Guesa de Sousaândrade. *In*: CAMPOS, Augusto de *et al.* **Re Visão de Sousaândrade**. 3. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2002b. p. 531-564. ISBN 85-273-0300-0.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 16. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2001. ISBN 85-03-00257-4.

LIMA, Luiz Costa. O Campo Visual de uma Experiência Antecipadora: Sousaândrade. *In*: CAMPOS, Augusto de *et al.* **Re Visão de Sousaândrade**. 3. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 461-503. ISBN 85-273-0300-0.

LOBO, Luiza. Introdução. *In*: SOUSÂNDRADE; LOBO, L.; MORAES, J. **O Guesa**. 1a. ed. atualizada ed. Rio de Janeiro: São Luís do Maranhão: Ponteio; Academia Maranhense de Letras, 2012.

MOISÉS, Massaud. **A Análise Literária**. 1ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2007. 270 p. ISBN 978-85-316-0011-1.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira/Romantismo, Realismo**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1984.

PEREIRA, Danglei de Castro. **Sousaândrade**: tradição e modernidade. Linguagem em (Dis)curso, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 387-413, 2004. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/271/285. Acesso em: 14 abr. 2021.

PIGNATARI, Décio. **O que é Comunicação Poética**. 8. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2005. ISBN 8574802085.

SEQUEIRA, INÊS. **Que espécie é esta**: maravilhas ou boas-noites. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.wilder.pt/especies/que-especie-e-esta-maravilhas-ou-boas-noites/>. Acesso em: 4 maio 2021.

SOUSÂNDRADE; LOBO, L.; MORAES, J. **O Guesa**. 1a. ed. atualizada ed. Rio de Janeiro: São Luís do Maranhão: Ponteio; Academia Maranhense de Letras, 2012.

SOUZA-ANDRADE, J. de. **Harpas Selvagens**. Rio de Janeiro: Typographia universal de laemmert, 1857. 309 p.

SOUZANDRADE, Joaquim de. **Novo Eden**: poemeto da adolescencia. Maranhão: Typ. a vapor de João d'Aguiar Almeida S. C., 1893.

ANEXO A – Poema "AO SOL"

- Timida e bella e taciturna virgem
 Pelos campos, na zona solitaria,
 Do mar no isolamento, lá do azul
 Banhando a terra de uma lua argentea,
5. À matinada sobressalta e foge:
 Chama aos seios o manto, os pés retira
 Da terra e vâa, descobrindo os bosques
 Que estremecem, do monte a sombra arranca,
 Toma á pressa os vestidos que vão soltos
10. E as grinaldas d'estrellas, fugitiva.
 Roda o plaustro de um principe, os cavalos
 Vem nevados nos valles do oriente;
 Cobre os ares a poeira do caminho
 Alva como o pó d'água; se arrepião
15. No ninho as aves desatando o bico;
 Brisa fresca e geral passa acordando
 Os vegetaes, o oceano; bellas nuvens
 De marinho coral, nuvens de perola
 Como a face de um lago os céos abrirão;
20. Estende o collo o passaro cantando
 Por detrás da palmeira, qual pergunta
 Aos pastores, ao gado apascentando
 << "Quem faz este rumor?" >> deslisa o orvalho
 Na flor, derrama o vento, o vento leva
25. Ondulações d'incenso; a natureza
 Nas barras da manhã respira amores:
 A noiva docemente bocejando
 N'alva da noite da esperança longa
 Embalada nos berços conjugaes.
-
30. Sol! idéa de meu Deos, me aqueuta
 Gelada a fronte pallida, sulcada
 Do scepticismo horrendo; sol, m'inspira
 Um cantico de paz, que a musa afeita
 Neste cantar selvagem, rude, asperrimo,
35. Que o temporal da sorte ao peito ensina,
 Como ao rochedo a vaga, ao monte o raio,
 Como a torrente ás sombras da espessura,
 Duro golpe ao carvalho, ave enfezada
 Jámais cantou de amor: abrio-me a bocca
40. Esta sede eternal, que eu mesmo ignoro,
 De um desejar.... que secca-me a existencia,
 Que minha alma lacera, como ao peso
 Dum áfrico samoum sem fim rolando!
-

- Abre um lado da abobada celeste,
 45. Amostra o rosto, só, centóclo e bello,
 Rege de lá seu mundo: apaga os círios
 Do seu altar da noite; arrasta a nuvem
 E embalança nos ares, sombreando
 O valle do pastor e das boninas;
 50. Encarna de mil côres o arvoredó;
 Pousa um raio na pétala das flores
 Como virgens abrindo alegremente;
 Espalha almo chuveiro. Sol! ó sol,
 Deos dos meus olhos, meu caminho franco
 55. Á unidade invisível, me suspende
 Deste lodo da terra onde hei manchado
 A alma de meu Deos! rios, montanhas,
 Levantai minha voz; aves, favonios,
 Não pergunteis que nasce de alegria
 60. Em vosso seio que vos move os echos:
 Cantai, cantai de amor, subi louvorés,
 Batei as azas, penetrai os ventos:
 É nosso pai! enchendo os nossos campos
 Da terra de mil dons; as nossas veias,
 65. Como do pensamento Deos nossa alma,
 Banha de sangue e vida. A borboleta
 Sobre as folhas dormindo, a agua passando,
 Á beira da corrente, a ti se eleva
 Em turbilhões de luzes centelhando,
 70. Deslaçando seus vôos, que um raio fura
 De cada vez que brilha, matizado
 Do pó das azas d'íris; a velhice
 Arrasta a ti seus passos; minha vista
 Amo cobrir de lagrymas te olhando,
 75. Fallar contigo, consultar-te o que és:
 Embora a minha voz nos teus fulgores
 Tu percas desdenhoso, e não respondas.

-
- Quantas vezes passava a contemplar-te
 Solitário no mar! sem pai nem mãe,
 80. Teus raios ensopei com minhas lagrymas,
 Que os teus raios seccárão: então contigo
 Sómente e o mar, meu pensamento errava
 Ante os meus olhos, mas sem ver abertos,
 Nem despertava me roçando a frente.
 85. Amigos mendiguei, meu peito aos homens,
 Meus braços, minha frente, abrí minha alma;
 Como os homens vi rindo-me um momento!
 Me odeiavão depois, logo amanhã:
 Outros buscava; mas, as mesmas ondas
 90. Do mesmo oceano mentiroso e amargo;

Corri terras em fóra e passei mares,
Vi novos climas — sempre os mesmos homens!
Nem um só!... nem um só achei que o nome
Santo de amigo merecesse ao menos!

95. Ah! se um ente nascera, que eu amasse
Deste amor todo que meu peito espaça!

Sublime erupção, nasceu minha alma!

Desde então, na descrença resequido
Murchou, cahio meu coração, e os homens,

100. Que minh'alma tão rude calcinárão,
Nunca mais pude amar... vou solitario
Pelas praias sombrias da existencia.
Às vezes recostado n'um penhasco,
A minha criação faço ideal:
105. Fórmo um coro de virgens de annos d'hontem
Nuas e puras; me rodeão, cantão,
Eu adormeço.... mas, desperto, rujo!
Tu, deos immovel, subalterno, seiva,
Despertador da terra, ergues meus sonhos,
110. Material hyperbole dos céos!
Mentira, ou não sei que vejo em sua frente
Que não entendo, e me repugna.... eu fujo
Às minhas solidões, não posso amá-los:
Ah! se eu pudesse, bem feliz que eu fôra!
115. — Mesmo de um Deus descri.... perdão, Senhor!
E mirrado na dôr, pelos desertos
Buscava sombra: — as arvores murchavão,
Desfolhavão! da frente que eu sostinha
Descansar pelo collo de seus troncos,
120. Tocar meus pés sua leiva! exposto ao clima,
O sol fendeu-me o dorso, como açoite
Da Providencia, e amei p'ra sempre o sol.

O' tu, dia primeiro, em que no espaço
A fogueira de ouro o sopro eterno

125. Accendeu: quando a terra estremecia
Em pasmo se revendo, e tudo em vozes
Naturalmente! O' tu, dia vindouro,
Em que a mão, que a ergueu, desça apagá-la —
Que bella scena! quanto denso fumo
130. Não ha de se exhalar dentre os seus dedos,
Da tocha immensa no morrer! Quizera
Sentir ranger meus ossos, perturbar-me
Nessa emoção de horror! vêr-te apagando,
Qual vêr-te ao mundo vindo, eu só quizera
135. Esses dous dias vida, entre eles morte.
Sol esplendido e bello! deos visível!

Tu, corpo do meu Deos, queima o meu corpo;
Vá minh'alma á tua alma, ao Deos sómente!

- Silêncio. Passa o vento em meus ouvidos,
140. “Emmudece!” disserão-me: quem foi? ...
Rios, montanhas, incolas do bosque,
Cegos nascemos, meus irmãos da morte,
Sem saber quem nós somos, onde vamos....
Para cantar?... Cantemos harmonias
145. Ao sol que se levanta do arvoredado,
Lá das terras de além, fruto d'estio:
Enchamos nossos olhos de seus raios,
Nosso peito de fé — Deos é mais longe!